



Há experiências que dividem a vida num «antes» e num «depois».

Um terramoto é uma delas.

Em poucos segundos, aquilo que parecia sólido e seguro pode deixar de o ser. Uma casa pode transformar-se num monte de escombros. Uma rua familiar pode tornar-se irreconhecível. Uma família pode ser separada. Uma pessoa pode perder tudo: a sua casa, os seus bens, o seu trabalho ou, mais dolorosamente ainda, alguém que amava.

E quando, finalmente, o movimento da terra cessa, começa outro movimento, muito mais profundo: o do coração.

Surgem as perguntas.

Por que razão Deus permitiu isto?

Onde estava Deus quando a terra tremeu?

Por que razão alguns sobreviveram enquanto outros morreram?

Por que aconteceu precisamente aqui?

Que sentido pode ter uma dor tão grande?

Para quem viveu uma catástrofe semelhante, estas não são perguntas académicas. São perguntas que podem surgir entre lágrimas, no meio do medo, diante de uma casa destruída ou junto ao corpo de uma pessoa amada.

A Igreja não responde com frases feitas.

A fé católica não nos ensina a negar a dor, a fingir que nada aconteceu ou a dizer superficialmente que «tudo acontece por uma razão». Também não nos permite afirmar que as vítimas de uma catástrofe foram castigadas por Deus.

A Igreja propõe algo muito mais profundo: **entrar no mistério do sofrimento com os olhos fixos em Cristo crucificado e ressuscitado.**

Porque quando a terra treme, tudo pode parecer desmoronar-se.

Mas para o cristão existe uma verdade que permanece:



Cristo não desmorona.

1. A primeira coisa que um católico deve saber: não é obrigado a compreender tudo

Uma das primeiras tentações depois de uma tragédia é procurar imediatamente uma explicação.

O ser humano precisa de compreender.

Queremos saber por que aconteceu, por que determinada pessoa morreu, por que uma casa resistiu ao terramoto e outra não, por que uma pessoa foi salva enquanto outra ficou presa debaixo dos escombros.

A ciência pode explicar muitas coisas acerca do fenómeno sísmico: as placas tectónicas, o movimento das falhas, a magnitude, o epicentro, as ondas sísmicas e os fatores que determinam a dimensão da destruição.

Mas existe outra pergunta que pertence a outro nível:

Por que razão Deus permite que exista um mundo no qual podem acontecer coisas assim?

Aqui, a fé católica mostra-se profundamente realista.

O Catecismo ensina que a questão do mal é «tão premente quanto inevitável, tão dolorosa quanto misteriosa», e adverte que não existe uma resposta simples. A resposta cristã deve considerar todo o conteúdo da fé: a bondade da Criação, o drama do pecado, a Encarnação redentora de Cristo, a ação do Espírito Santo, a Igreja, os sacramentos e a vocação para a vida eterna.

Isto significa algo muito importante para quem acaba de sofrer uma tragédia:

Podes ter fé e continuar a fazer perguntas.

Podes chorar e ter fé.



Podes ter medo e ter fé.

Podes não compreender e continuar a confiar.

Podes até passar por momentos de perturbação espiritual sem que isso signifique necessariamente que abandonaste Deus.

A fé não consiste em possuir uma explicação imediata para cada acontecimento.

Consiste em confiar em Deus mesmo quando ainda não compreendemos.

2. Um terramoto é um castigo de Deus?

Esta pergunta deve ser abordada com enorme prudência.

Ao longo da história, algumas pessoas interpretaram determinadas catástrofes como castigos divinos por pecados específicos. A Sagrada Escritura contém, certamente, episódios nos quais Deus julga e castiga o pecado.

Mas isto **não nos autoriza a identificar automaticamente uma determinada catástrofe com um determinado castigo divino.**

O próprio Cristo rejeitou uma interpretação simplista do sofrimento.

Quando algumas pessoas Lhe falaram de homens que tinham sofrido uma desgraça, Jesus perguntou:

«*Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem sofrido tal coisa?*»

E responde que não.

O ensinamento é fundamental.

Não devemos olhar para as vítimas e concluir que eram piores do que nós.



Um terramoto não nos dá o direito de julgar a consciência daqueles que morreram.

Muito menos devemos dizer a uma família que acaba de perder um filho:

«Deus castigou-vos».

Isto não é pastoral.

Não é caridade.

Não é uma aplicação correta da doutrina católica.

O católico deve aproximar-se daquele que sofre como Cristo se aproximava daqueles que sofriam: com misericórdia, respeito, presença e compaixão.

3. O mal físico e o mistério da Providência divina

Entramos aqui num dos grandes temas da teologia católica.

Existe o **mal moral**, que nasce do pecado e do mau uso da liberdade humana.

Mas existe também o **mal físico**: doença, terremotos, inundações, acidentes, deficiência, envelhecimento e morte.

Deus não é o autor do pecado.

E quando falamos de uma catástrofe natural, não devemos imaginar Deus como alguém que sente prazer em provocar sofrimento.

O que significa então dizer que Deus é providente?

Significa que Deus sustenta, governa e conduz a criação para o seu fim último. O Catecismo ensina que Deus não abandona as suas criaturas e que, na sua Providência, pode permitir determinados males sem deixar, por isso, de ser infinitamente bom.

Aqui aparece uma distinção essencial:

Deus pode permitir um mal sem querer o mal enquanto tal.



E pode permiti-lo porque a sua Providência pode fazer surgir bens que nós, a partir da nossa perspetiva limitada, ainda não somos capazes de ver.

Santo Agostinho expressou uma das intuições fundamentais da teologia cristã com a ideia de que Deus é tão bom e poderoso que pode tirar o bem até daquilo que permitiu.

Mas devemos ser prudentes.

Dizer que Deus pode tirar um bem do mal **não significa que o mal se torne bom.**

A morte de uma pessoa continua a ser dolorosa.

A destruição de uma família continua a ser uma tragédia.

A perda de uma casa continua a ser uma perda.

A fé não chama bem ao mal.

A fé afirma que **o mal não tem a última palavra.**

4. A resposta definitiva de Deus ao sofrimento tem um rosto: Jesus Cristo

Se queremos compreender o sofrimento como cristãos, não podemos começar e terminar com uma explicação filosófica.

Devemos olhar para Cristo.

Porque Deus não permaneceu distante do sofrimento humano.

O Verbo fez-Se carne.

Cristo conheceu o cansaço.

Conheceu a fome.

Conheceu a rejeição.



Conheceu a incompreensão.

Chorou diante do túmulo de Lázaro.

Experimentou a angústia no Getsémani.

Foi espancado.

Foi humilhado.

Foi pregado numa Cruz.

E morreu.

Assim, quando um cristão se encontra diante de uma cidade devastada por um terramoto, pode olhar para o Crucificado e dizer:

«Deus sabe o que significa sofrer».

Não estamos diante de um Deus que observa o sofrimento à distância.

Estamos diante de um Deus que entrou na história e assumiu a nossa natureza humana.

A Cruz não explica cada detalhe de cada tragédia.

Mas revela-nos algo infinitamente mais importante:

Deus pode estar presente mesmo onde nós vemos apenas abandono.

5. A Cruz e a Ressurreição: o cristão não acredita numa tragédia sem fim

Aqui encontra-se o coração da nossa esperança.

Se Cristo tivesse apenas morrido, o cristianismo seria uma religião de admirável resignação.

Mas Cristo ressuscitou.



Por isso, São Paulo pode escrever:

«*Nós sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*» (Romanos 8,28).

Isto não significa que tudo aquilo que acontece seja bom.

Significa que **Deus pode conduzir até aquilo que é doloroso para um bem último.**

A Ressurreição transforma a nossa maneira de olhar para a morte.

O cristão não diz:

«A morte não tem importância».

Diz:

«A morte não tem a última palavra».

Por isso, quando pessoas morrem num terramoto, a Igreja não se limita a apresentar as suas condolências.

Reza pelas suas almas.

6. O católico deve rezar pelos defuntos

Numa sociedade que muitas vezes tenta esconder a realidade da morte, uma catástrofe coloca-a diretamente diante dos nossos olhos.

A Igreja responde recordando uma verdade que nunca deve desaparecer:

o homem foi criado para a eternidade.

Quando uma pessoa morre, a sua alma apresenta-se diante de Deus.



Por isso, rezar pelos defuntos é uma obra de misericórdia espiritual.

A Santa Missa oferecida por eles.

O Rosário.

O Pai-Nosso.

A Ave-Maria.

O *De profundis*.

As orações pelas almas do Purgatório.

Uma simples oração pode acompanhar espiritualmente aqueles que já não podemos abraçar fisicamente:

«Dai-lhes, Senhor, o eterno descanso. E brilhe para eles a luz perpétua. Descansem em paz. Ámen».

Não sabemos como foi o juízo particular de determinada pessoa.

Por isso, não devemos condená-la.

Mas também não devemos cair no extremo oposto, negando a necessidade de rezar pelos defuntos.

A caridade continua para além da morte.

7. E para aqueles que sobreviveram: também é preciso cuidar da alma ferida

Existe aqui uma dimensão pastoral que, por vezes, esquecemos.

Uma pessoa pode ter sobrevivido fisicamente e, contudo, estar profundamente ferida interiormente.



Pode ter medo de voltar a entrar numa casa.

Pode assustar-se com qualquer ruído.

Pode sentir-se culpada por ter sobrevivido.

Pode perguntar-se:

«Por que eu e não o meu irmão?»

Pode sentir tristeza, raiva, silêncio ou até uma sensação de abandono por parte de Deus.

O católico que acompanha uma pessoa assim deve ser muito prudente.

Não deve dizer:

«Não chores».

Deve permitir-lhe chorar.

Não deve dizer:

«Tens de ser forte».

Deve acompanhá-la.

Não deve dizer:

«Deus sabe o que faz», como uma fórmula destinada a encerrar rapidamente a conversa.

Muitas vezes deve simplesmente sentar-se ao seu lado.

A presença também é uma forma de caridade.

8. Um cristão pode ter medo?

Sim.



E isto é importante.

A virtude cristã não consiste em nunca sentir emoções.

O medo é uma reação humana natural perante um perigo real.

A questão moral não está simplesmente em sentir medo, mas naquilo que fazemos com esse medo.

Podemos apresentá-lo a Deus.

Podemos rezar enquanto temos medo.

Podemos dizer:

«Senhor, tenho medo. Ajuda-me».

Isto também é oração.

Os Salmos estão cheios de homens que clamam a Deus na angústia.

A fé nem sempre começa com:

«Estou tranquilo».

Por vezes começa com:

«Senhor, já não consigo mais, mas continuo a confiar em Vós».

9. A oração daquele que perdeu uma pessoa amada

Há dores que nenhuma explicação teológica pode fazer desaparecer imediatamente.

Quando uma pessoa perde o pai, a mãe, um filho, o marido, a esposa ou um amigo, não precisa, em primeiro lugar, de um discurso.

Precisa de acompanhamento.



A teologia deve estar ao serviço da pessoa.

E aqui devemos recordar as palavras do Evangelho:

«*Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados*»
(Mateus 5,4).

Jesus não diz que aqueles que choram estão errados.

Promete consolação.

Por isso, se perdeste alguém numa catástrofe, podes chorar diante de Deus.

Podes falar com Ele dessa pessoa.

Podes agradecer-Lhe por te ter permitido conhecê-la.

Podes rezar pela sua alma.

Podes pedir ajuda para aceitar a sua ausência.

E podes esperar reencontrá-la junto de Deus.

A esperança cristã não consiste em fingir que a separação não dói.

Consiste em acreditar que **a separação não é necessariamente definitiva.**

10. O católico deve agir: a caridade não pode permanecer apenas nas palavras

A fé autêntica conduz sempre à caridade.

Depois de um terramoto não é suficiente publicar:

«As minhas orações».



Se podemos fazer mais, devemos fazê-lo.

Dar.

Partilhar alimentos.

Oferecer alojamento.

Ajudar na reconstrução.

Ajudar os idosos.

Ajudar as crianças.

Colaborar com profissionais.

Dar sangue quando é necessário e possível fazê-lo com segurança.

Oferecer ajuda financeira às famílias afetadas.

Participar nas iniciativas da paróquia.

A Igreja sempre compreendeu que as obras de misericórdia são parte integrante da vida cristã.

Um católico não deve contemplar o sofrimento à distância quando possui realmente a possibilidade de o aliviar.

As mãos do cristão devem tornar-se as mãos de Cristo.

11. A paróquia deve ser uma casa no meio da catástrofe

Numa tragédia, a paróquia pode desempenhar um papel extraordinário.

Pode ser um lugar de oração.

Pode oferecer abrigo.



Pode organizar ajuda material.

Pode reunir voluntários.

Pode acompanhar as famílias.

Pode celebrar a Santa Missa pelos defuntos.

Pode administrar os sacramentos.

Pode colocar os sacerdotes à disposição para ouvir confissões.

Pode acompanhar espiritualmente aqueles que estão aterrorizados.

E, sobretudo, pode recordar uma verdade:

a Igreja não abandona os seus filhos quando chega a desgraça.

O acompanhamento pastoral deve ser integral:

o corpo e a alma.

Não seria cristão responder apenas às necessidades materiais, esquecendo a alma.

Mas também não seria cristão falar exclusivamente da alma, ignorando uma pessoa que precisa de água, comida, medicamentos ou abrigo.

Cristo alimentava, curava, consolava e perdoava.

A Igreja deve aprender sempre do seu Senhor.

12. A prudência também é uma virtude cristã

Diante de uma catástrofe, devemos rejeitar outra ideia falsa:

«Se tenho fé, Deus irá proteger-me».

Confiar em Deus não significa desprezar as medidas de segurança.



Se existe risco de desabamento, devemos afastar-nos.

Se as autoridades ordenam uma evacuação, devemos evacuar.

Se os especialistas recomendam determinadas medidas, devemos ouvi-los.

Construir edifícios resistentes aos terramotos.

Preparar mochilas de emergência.

Conhecer as vias de evacuação.

Apoiar as autoridades.

Seguir as instruções das equipas de socorro.

Tudo isto é compatível com a fé.

Na verdade, faz parte da virtude da prudência.

A fé não substitui a responsabilidade.

A graça não destrói a natureza.

Aperfeiçoa-a.

13. Devemos também prestar atenção ao nosso comportamento nas redes sociais

Vivemos numa realidade nova.

Durante uma catástrofe, as redes sociais podem tornar-se uma ferramenta extraordinária para localizar pessoas, pedir ajuda e transmitir informações.

Mas também podem tornar-se uma fábrica de medo.

Rumores.



Vídeos falsos.

Informações não verificadas.

Números inventados.

Profecias apocalípticas.

Mensagens que atribuem imediatamente o terramoto a determinados pecados.

Um católico deve praticar a prudência também na Internet.

Nem tudo aquilo que provoca emoção deve necessariamente ser partilhado.

Antes de publicar algo, devemos perguntar:

É verdade?

É necessário?

Pode prejudicar alguém?

Respeita a dignidade das vítimas?

Estou a ajudar ou estou simplesmente à procura de atenção?

No meio de uma tragédia, a caridade também consiste em saber quando devemos permanecer em silêncio.

14. O terramoto como chamada à conversão

Existe uma dimensão espiritual que não devemos ignorar.

Um terramoto pode recordar-nos de forma dramática que as nossas seguranças terrenas são frágeis.

Jesus utilizou a imagem de uma casa construída sobre a rocha.



Podemos ter dinheiro.

Uma casa.

Uma profissão.

Prestígio.

Projetos.

Planos.

Mas tudo isto pode desaparecer.

Então surge a pergunta decisiva:

Sobre o que construí a minha vida?

Porque, mais cedo ou mais tarde, chegará para cada um um «terramoto» definitivo: a nossa própria morte.

E não sabemos quando.

Por isso, uma catástrofe também pode tornar-se um apelo para colocarmos novamente a nossa vida em ordem.

Voltar à confissão.

Reconciliarmo-nos com alguém.

Abandonar um pecado.

Voltar à Santa Missa.

Retomar a oração.

Rezar o Rosário todos os dias.

Colocar a nossa família sob a proteção da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Aprender novamente a viver para Deus.



Não porque pensemos que o terramoto tenha sido necessariamente enviado como castigo.

Mas porque **qualquer acontecimento que nos recorde a fragilidade da vida pode ajudar-nos a recuperar a perspetiva da eternidade.**

15. «Ainda que a terra trema, não temereis»

O Salmo proclama:

«Deus é para nós refúgio e força, auxílio sempre presente nas tribulações. Por isso não tememos, ainda que a terra trema» (Salmo 46,2-3).

Estas palavras adquirem uma força extraordinária depois de um terramoto.

Não significam que o cristão nunca sentirá medo.

Significam que o medo não tem necessariamente de se transformar em desespero.

A terra pode tremer.

O nosso corpo pode tremer.

A nossa casa pode tremer.

O nosso coração pode tremer.

Mas Deus continua a ser Deus.

16. E quando o terramoto termina, começa outra fase

Existe uma tendência natural para pensar que a tragédia termina quando cessam os abalos



secundários.

Mas, para muitas pessoas, é então que começa outra batalha.

Reconstruir.

Encontrar alojamento.

Voltar ao trabalho.

Enterrar os mortos.

Cuidar dos feridos.

Superar o medo.

Voltar a dormir.

Voltar a entrar numa casa.

Voltar a celebrar.

Voltar a rezar.

E é aqui que a Igreja deve permanecer.

Não apenas durante as primeiras horas.

Não apenas quando estão presentes as câmaras.

Não apenas enquanto a tragédia é notícia.

A caridade cristã deve ter memória.

O acompanhamento pastoral pode durar meses e anos.

Porque algumas feridas precisam de muito tempo para cicatrizar.



17. Uma palavra especial para aqueles que sofreram

Se viveste um terramoto e perdeste a tua casa, os teus bens ou uma pessoa amada, talvez neste momento não tenhas respostas.

Não tens de ter todas as respostas.

Se estás zangado com Deus, fala com Ele.

Se tens medo, fala com Ele.

Se choras, chora diante d'Ele.

Se não consegues rezar, diz simplesmente:

«Senhor, eis-me aqui».

Isto também pode ser já uma oração.

Não penses que Deus te abandonou porque não compreendes o que aconteceu.

Não confundas o silêncio de Deus com a Sua ausência.

O próprio Cristo, na Cruz, pronunciou palavras de abandono e, contudo, precisamente ali realizava a obra suprema da nossa Redenção.

O teu sofrimento não significa que Deus tenha deixado de te amar.

E mesmo que agora não possas compreender por que aconteceu, podes pedir a graça de atravessar esta provação acompanhado por Ele.

Quando tudo desmorona, Cristo permanece

Um terramoto pode destruir edifícios.



Pode partir estradas.

Pode separar famílias.

Pode deixar cidades inteiras feridas.

Mas não pode destruir a dignidade de uma pessoa.

Não pode destruir o amor.

Não pode destruir a oração.

Não pode destruir a caridade.

E, para aquele que vive em Cristo, não pode destruir a esperança.

A fé católica não promete que nunca iremos sofrer.

Promete algo infinitamente maior:

que o nosso sofrimento pode ser unido ao sofrimento de Cristo e que a morte não terá a última palavra.

Por isso, o cristão pode chorar e esperar.

Pode sofrer e amar.

Pode ter medo e confiar.

Pode cair de joelhos no meio dos escombros e continuar a rezar.

Pode olhar para uma igreja danificada e recordar que Deus não está preso às suas paredes.

Pode perder uma casa e descobrir novamente onde se encontra a sua verdadeira morada.

Pode perder os seus bens e compreender novamente que existe um tesouro que ninguém lhe pode roubar.

Pode até enfrentar a morte e recordar as palavras de São Paulo:



«Quem nos separará, pois, do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada?» (Romanos 8,35).

A resposta do Apóstolo é clara: nada pode separar-nos do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo.

Por isso, quando a terra voltar a tremer — e quando as nossas próprias seguranças voltarem a ser abaladas — devemos recordar onde se encontra a nossa verdadeira rocha.

Não está nos nossos bens.

Não está nas nossas forças.

Não está na nossa capacidade de controlar tudo.

Está em Cristo.

E, a partir desta certeza, o católico deve olhar para aquele que sofre e aproximar-se dele.

Deve rezar.

Deve ajudar.

Deve consolar.

Deve oferecer a Santa Missa pelos defuntos.

Deve recorrer aos sacramentos.

Deve cuidar dos vivos.

Deve recordar os mortos.

Deve reconstruir.

Deve esperar.

E, finalmente, deve colocar tudo nas mãos de Deus.



Porque talvez não possamos compreender por que razão a terra tremeu.

Mas sabemos quem permanece quando tudo é abalado:

Jesus Cristo, nossa Rocha, nosso Redentor e nossa esperança.

«*Jesus Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e por toda a eternidade*» (Hebreus 13,8).

Quando tudo o resto se move, **Ele permanece.**

Oração pelas vítimas de um terramoto

Senhor nosso Deus, Pai da misericórdia,

colocamos diante de Vós todas as pessoas que sofreram por causa desta terrível catástrofe.

Recebei no Vosso Reino aqueles que morreram e concedei-lhes o descanso eterno.

Consolai aqueles que choram a perda dos seus entes queridos.

Fortalecei aqueles que ficaram feridos.

Protegei aqueles que ainda procuram os seus familiares.

Fortalecei as equipas de socorro, os médicos, os enfermeiros, os bombeiros, os polícias, os sacerdotes, os voluntários e todos aqueles que trabalham para aliviar o sofrimento.

Dai ao Vosso povo a generosidade para partilhar, a força para servir e a paciência para reconstruir.

Aos que perderam a sua casa, dai esperança.

Aos que perderam os seus bens, dai confiança.

Aos que perderam uma pessoa amada, dai o consolo da Vossa presença.



E àqueles que se sentem abandonados, mostrai-lhes que nunca abandonais os Vossos filhos.

Santa Maria, Mãe das Dores, Vós que permanecestes junto à Cruz do Vosso Filho, permanecei também junto de todos aqueles que hoje choram.

Ensinai-nos a permanecer junto daqueles que sofrem.

Ensinai-nos a não procurar explicações fáceis.

Ensinai-nos a confiar quando não compreendemos.

Ensinai-nos a transformar o sofrimento em oração e a oração em caridade.

E quando chegar a nossa hora, concedei-nos morrer na Vossa graça e alcançar a vida eterna.

Por Cristo nosso Senhor.

Ámen.